



«Alegres na Esperança»
Rm 12, 12

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia.
Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:
lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Ana Horgan Ulrich
Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Luís Leal
Márcia Serra
Mariana Neto
Paula Moucheira
Paulo Serra
Teresa Abecasis

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Um Verão Jubilar

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	6 julho - O Envio
14	13 julho - Deus não espera o meu abraço... porque já me abraça na minha existência!
19	20 julho - Descansar em Deus com inteireza
23	27 julho - “Pai-nosso”
27	3 agosto - A abundância na vida ou a vida em abundância
31	10 agosto - Para uma Igreja eucarística
35	15 agosto - “Com Maria, Alegres na Esperança”
39	17 agosto - Por uma paz que valha a pena
43	24 agosto - Abre as portas do teu coração a Jesus
49	31 agosto - O Banquete
	PARTE II Somos Igreja
54	Introdução - Um Verão e um Caderno de Oração para o Verão
56	Missa das Exéquias do Papa Francisco - “Não vos esqueçais de rezar por mim”
59	Excertos da Homilia do papa Leão XIV na missa de início do seu pontificado
62	Grupo de Oportunidades
64	Peregrinação de Adultos a Fátima da Verbum Dei - Testemunho da Márcia
69	Peregrinação de Adultos a Fátima da Verbum Dei - Testemunho do Paulo

O muito e intensamente vivido

Não vamos esquecer o ano de 2025! Os dias passam e os acontecimentos sucedem-se uns após os outros. Assim, chegamos ao verão com muitas coisas para partilhar, sendo que ainda estamos a meio do ano.

Um ano jubilar é sempre muito rico, mas parece-nos que este é, especial. Os meios de comunicação que, por vezes, como que nos asfixiam estão a dar uma cobertura importante, e bem-vinda, aos temas da Igreja.

Já temos vivido várias celebrações de jubileus programados e agendados pela Santa Sé, pelo que Roma se converteu num ir e vir de peregrinos que chegam de todo o mundo à procura de uma experiência de fé viva e contagiante.

Alguns destes peregrinos foram confrontados com a notícia que abalou todo o mundo católico, e não só. O Papa, o nosso querido Papa Francisco, tinha-nos deixado e iniciado a sua peregrinação ao encontro do Pai. Chegou à meta, encontrou a verdadeira esperança: “a vida eterna”! Francisco já vivenciou o que tinha escrito e transmitido em: “A esperança não engana” (Rom 5,5).

Para o seu funeral, chegaram imensas pessoas a Roma, uma representação da Humanidade: ricos e pobres, de muitas culturas, de muitas terras, de muitos cultos, agnósticos e ateus, crianças, jovens, adultos, e de idade avançada. E também chegaram os mandatários, políticos e os cardeais de todo o mundo. O Vaticano, um estado pequenino, converteu-se numa amostra de todo o mundo, como que um Pentecostes onde se falavam muitas línguas – mas todos se compreendiam porque a linguagem comum era os gestos de amor. E esses todos compreendem.

Que enternecedor foi o seu último passeio de carro pelas ruas de Roma! Foi uma procissão de despedida, e o último adeus daqueles que sentiram o seu olhar de ternura para com os desprotegidos, marginalizados, os mais vulneráveis... os pobres de Javé.

Nos dias seguintes, a Praça de São Pedro teve de aumentar a sua capacidade para acolher, nas suas ruas e nas redondezas, todos os que chegavam a Roma: muitos, muitos, muitos... O Vaticano era o centro do mundo, parecia que tudo o que estava a acontecer se passava ali. O que não era verdade: continuavam as guerras, as campanhas políticas, a guerra alfandegária, os problemas nas famílias, a falta de trabalho, os gritos da criação magoada...

Enquanto os cardeais se reuniam, preparando-se para o Conclave, os meios de comunicação falavam sobre os futuros “papáveis”, as probabilidades de cada um, e, também, do desejo dos portugueses de que o cardeal Tolentino de Mendonça fosse o escolhido.

A Praça de São Pedro continuava a encher-se de pessoas quando começou o Conclave, todos a olhar para uma chaminé que dava notícias. E, rapidamente, essa chaminé falou e o mundo parou numa só conversa: “foi rápido, quem será? de onde será? Será conservador ou progressista? Continuará a linha do Papa Francisco?”. O olhar trasladou-se para a janela que se abria para o mundo conhecer o novo Papa.

O Papa apareceu às 19h13m de Roma, 1 hora depois do “fumo branca”. Estava com um sorriso tímido, olhava com emoção para a multidão da praça, estava nervoso, mas sereno. Creio que todos gostaram do que disse, a todos conquistou com os seus gestos e as suas palavras.

A partir desse momento começamos uma nova etapa na Igreja. Não sabemos o que vai acontecer, mas uma coisa é importante e certa: continuaremos unidos no caminho sinodal. Todos, todos, todos somos pedras vivas da Igreja, o contributo de todos é fundamental. E também temos a certeza da prossecução do caminho jubilar, o qual não será interrompido nas férias de verão. Os nossos jovens irão a Roma, ao Jubileu da Juventude, em finais de julho e, com alegria, gritarão: “Viva o Papa Leão XIV”, e o Papa acolhê-los-á como fazia o Papa Francisco, de coração e braços abertos, e com um tímido e sincero sorriso.

Quando pegarmos neste “Caderno de Oração” de Verão, os acontecimentos anteriormente escritos já serão passado, já teremos mais notícias, mas o desejo é sempre o de que todos vivamos, no dia a dia, a importância do Ano Jubilar, que o nosso peregrinar seja “alegres na esperança”, que vivamos em ambientes de reconciliação, que a fraternidade seja um chamamento a sermos justos para com aqueles que mais necessitam. E que entrar pela Porta Santa não seja um rito sem conteúdo, mas sim o momento de nos encontrarmos, não com um espaço mais ou menos belo, mas sim com Alguém, com a Pessoa de Jesus, o nosso Bom Pastor, o nosso caminho, verdade e vida (Jo 10,14 e Jo14, 6).

parte I **Domingos de Verão**

O Envio

Is 66,10-14c «Naquele tempo, designou o Senhor setenta e dois discípulos e enviou-os, dois a dois, à Sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. E dizia-lhes: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias, nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho. Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa’. E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles: senão, ficará convosco. Ficai nessa casa, comei e bebei do que tiverem, que o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. Quando entrardes nalguma cidade e vos receberem, comei do que vos servirem, curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: ‘Está perto de vós o reino de Deus’. Mas quando entrardes nalguma cidade e não vos receberem, saí à praça pública e dizei: ‘Até o pó da vossa cidade que se pegou aos nossos pés sacudimos para vós. No entanto, ficai sabendo: Está perto o reino de Deus’. Eu vos digo: Haverá mais tolerância, naquele dia, para Sodoma do que para essa cidade”. Os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: “Senhor, até os demónios nos obedeciam em teu nome”. Jesus respondeu-lhes: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. Dei-vos o poder de pisar serpentes e escorpiões e dominar toda a força do inimigo; nada poderá causar-vos dano. Contudo, não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos nos Céus”.» (Lc 10, 1-12.17-20)



As leituras de hoje centram-se numa mensagem essencial: o envio.

Deus chama cada um de nós, junta-nos dois a dois para caminharmos juntos (e não sozinhos!) – a sinodalidade, a que o nosso Papa Francisco tanto nos convidou –, e envia-nos para o mundo com uma instrução única e clara: amar como Jesus amou e, assim, construirmos um mundo mais fraterno e onde reine a paz.

É daqui que partimos, da nossa vocação batismal, de filhos muito amados: Jesus veio e já nos mostrou o caminho, como se vive e como se é Filho muito amado, e Deus criou-nos para sermos Seus filhos, como Jesus. Temos em nós essa marca, esse dom, essa potencialidade.

E como é que isso se faz? Passo a passo, ao modo e ao ritmo de Deus (e não ao nosso modo e ritmo, ou como gostaríamos que fosse!), com avanços e recuos, mas sempre levados, sustentados e conduzidos por Ele, tal como Jesus.

O Evangelho de hoje contém algumas orientações:

- **Ninguém prometeu que ia ser fácil** – pelo contrário, *“a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos”* – o que aponta para uma enorme dificuldade, para uma missão que, na prática e aos nossos olhos humanos, parece impossível; muitas vezes, é assim que nos sentimos quando olhamos para o contexto mundial, do país, da cidade, de nossa casa, do nosso trabalho, dos lugares que frequentamos, das situações que vivemos ou que os nossos amigos ou outros vivem, em que queremos ultrapassar ou ajudar a viver, fazer a diferença e tudo parece muito difícil, senão impossível. Diz-nos o Evangelho então: ***“Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara”*** – trata-se do apelo à

sinodalidade, a irmos buscar ajuda, quem faça o que não conseguimos fazer sozinhos, quem saiba o que não sabemos, a caminharmos com mais pessoas, a rezarmos para que o Pai mande mais pessoas, os meios, pois não estamos sozinhos;

- **“Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos”** – As nossas marcas serão a mansidão, a humildade, o serviço, o colocar o outro à nossa frente num mundo em que se medem forças e poderes de vários tipos, desde físicos, económicos, políticos, sociais, e em que, muitas vezes, o objetivo ou o caminho mais fácil é o de dominar e prevalecer em relação ao outro. Temos de ter consciência de que, tal como sucedeu com Jesus, somos enviados em contracorrente, que poderemos não ser aceites por todos, que poderemos ser criticados e julgados, que poderemos fraquejar, desanimar ou achar que não conseguimos, mas que o mais importante é mantermo-nos fiéis àquilo em que acreditamos e por que queremos viver e saber que vamos com Ele;
- **“Não leveis bolsa nem alforje nem sandálias”** – Somos convidados a não nos inquietarmos com o que precisamos para a missão e para viver, é-nos dito que não precisamos de bens materiais, de seguranças, de proteções, pois Deus está connosco e é Ele quem providencia e quem nos protege, quem nos concede tudo o que precisamos para o caminho. Não significa que não tenhamos de fazer a nossa parte, mas é um convite a confiarmos e a entregarmo-nos nas suas mãos.
- **“Nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho”** – é um apelo a não nos distrairmos com reconhecimentos, saudações e louvores dos outros à nossa pessoa, e sim a focarmo-nos no essencial, naquilo a que somos chamados, no que é a Verdade que queremos transmitir e que nos trouxe àquele lugar onde estamos e àquelas pessoas em concreto.

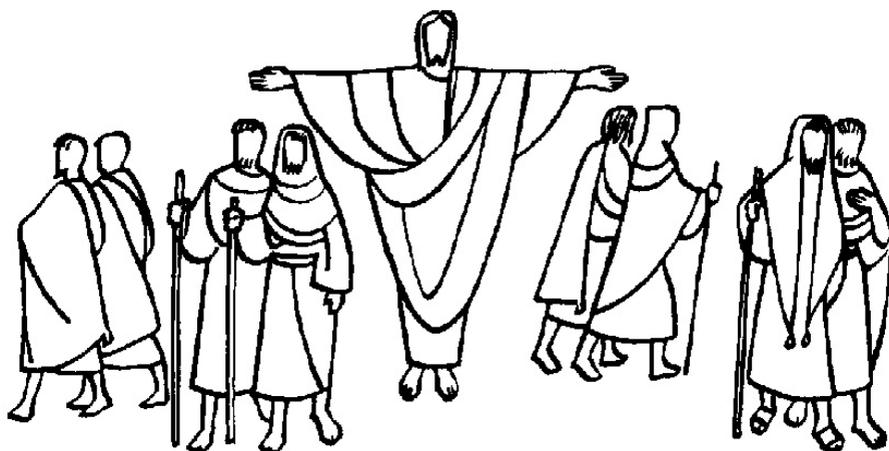
Na verdade, se notarmos bem, as últimas três orientações sublinham a vigilância que temos de ter relativamente às três tentações com que Jesus também teve de lidar no deserto e que foram identificadas pelo Papa Francisco: a riqueza, ao invés da pobreza, o querer reconhecimento, ser visto e admirado pelos outros, ao invés da humildade e mansidão, e ainda o poder ou domínio sobre os outros, ao invés do serviço e de fazer os outros felizes.

- ***“Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa’. E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles: senão, ficará convosco”*** – é um convite a, na nossa liberdade, dar o primeiro passo para a paz e, se houver reciprocidade, será recebida, também na liberdade do outro. Se não houver reciprocidade ou se, por algum motivo, o outro não a receber, é-nos feito o convite de, na nossa liberdade, respeitarmos a escolha do outro e não nos impormos. Seguirmos caminho. Mantermo-nos fiéis. É Ele que vai connosco e que nos acompanha.

Dar este passo em paz e liberdade é, muitas vezes, o mais difícil, pois perante uma recusa do outro, uma falta de resposta ou uma resposta que não é a que queremos, o nosso impulso e sentimento é, muitas vezes, negativo, pode envolver dor, pode implicar lidar com consequências duras ou com tomadas de decisões difíceis – é aí que Ele entra e que temos de entregar.

- ***“Dei-vos o poder de pisar serpentes e escorpiões e dominar toda a força do inimigo; nada poderá causar-vos dano. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos nos Céus”*** - alegremo-nos, porque somos Filhos Amados de Deus, porque Ele está connosco e é Ele quem nos conduz e nos abre caminhos, quem faz os milagres, quem nos dá as forças e poderes que precisamos. Se participarmos no milagre da

transformação da água em vinho, não fiquemos felizes porque temos poderes que nunca imaginámos ou não nos esqueçamos de que é d'Ele que veio esse poder e, por isso, alegremo-nos, porque somos chamados e enviados por Ele a participar no milagre de construir um mundo melhor, ao modo e ao ritmo do Pai e de Jesus.



*Quando seguimos o nosso
caminho, sem olhar ninguém.
Quando as notícias não nos
comovem mais.
Quando as pessoas se tornam
números.
Quando nunca há tempo para
ouvir.
Quando estamos com pressa
para decidir.
Quando não admitimos
mudança de planos.*

Parai a nossa corrida, Senhor

*Quando temos forças e quando
nos parece já não as ter:
Quando somos imobilizados por
leis ou decisões injustas:
Quando somos confrontados por
quem não quer a verdade e a justiça:
Quando nos sentimos tentados a
perder a esperança:
Quando se diz que não há mais
nada a fazer:*

Ensinai-nos a amar

(Meditações e orações para a via sacra 2025
escrito pelo Santo Padre Francisco - 18 de abril de 2025)

Deus não espera o meu abraço... porque já me abraça na minha existência!

Dt 30,10-14 «Moisés falou ao povo, dizendo: “Escutarás a voz do Senhor teu Deus, cumprindo os seus preceitos e mandamentos que estão escritos no Livro da Lei, e converter-te-ás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma. Este mandamento que hoje te imponho não está acima das tuas forças nem fora do teu alcance. Não está no céu, para que precisês de dizer: ‘Quem irá por nós subir ao céu, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?’. Não está para além dos mares, para que precisês de dizer: ‘Quem irá por nós transpor os mares, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?’. Esta palavra está perto de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a possas pôr em prática”.»

(Dt 30, 10-14)



erei eu capacidade para viver o sonho de Deus...?”

Há, nas palavras de Moisés, uma chamada de atenção: “Confia!”

A confiança (que poderíamos chamar “fé”...) não se explica, não depende do exterior, nada nem ninguém tem a capacidade de mandar ou tirar.

Ao “como?” (e ao “quando?”) encontraremos esta confiança, podemos colocar na dimensão do “mistério”. De facto, os “caminhos de Deus”, para cada um de nós, são insondáveis.

Deus coloca no coração de cada homem e de cada mulher uma “centelha” que pode ser chave para este modo de nos “movermos na confiança”. Isaías, no fundo, lembra-nos isso mesmo: apesar de termos a sensação de que, além de insondáveis, os Seus caminhos são inatingíveis, a verdade é que não o são e é no mais básico e simples que se dá esse encontro!

Procuramos “fora” o que levamos “dentro”!

Jesus também me recorda isso mesmo quando me fala para me adentrar no “quarto, fechando a porta e aí estar em segredo”... Este “quarto” é a “divisão da habitação” que eu sou. Assim, Deus “oferece-me” também o Mundo (exterior), mas é no meu “mundo interno” (que nada nem ninguém me pode tirar) que se dá o derradeiro encontro com Ele.

A proximidade de Deus para com a minha vida é total porque a comunhão dá-se plenamente na minha existência!

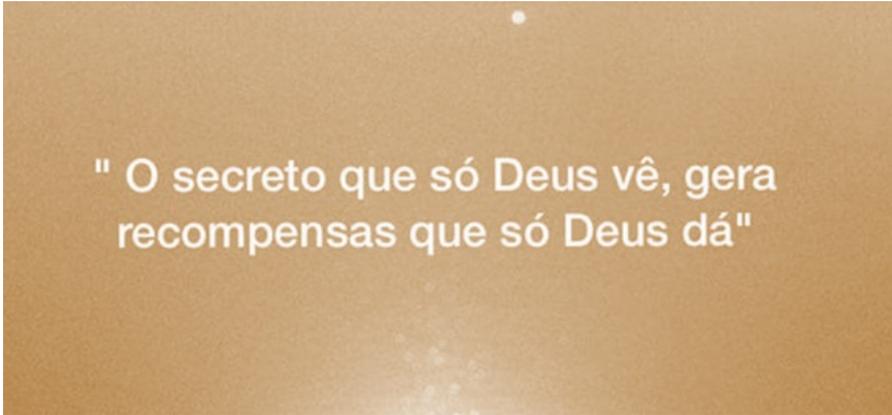
Partilho uma imagem que me ajuda a entender esta lógica “ilógica” para o mundo mais ocidental, pois pode ser que ajude mais alguém: “Uma pequena formiga esforça-se todo o dia para ‘abraçar’ um pedregulho ou um monte deles, mas tal parece sempre impossível...”

e, à noite, é nesses pedregulhos que se encosta e descansa; neles habita deixando-se “abraçar” e proteger por eles”.

Assim estou eu, de tão perto, tão perto de Deus, não consigo vislumbrar, desgastando-me (e pondo-O em causa tantas e tantas vezes...), simplesmente porque não consigo “abraçar” tal a dimensão do pedregulho (como se a Deus se pudesse abarcar...).

Convite a reconhecer-me, humildemente, um ser precioso e, ao mesmo tempo, pequeno. Esta atitude pode ser a chave para não me deixar ficar incrédulo com a pergunta de Isaías, e poder encontrar, no meu modo de viver, uma humildade compassiva que busca a Deus de dia e de noite, confiando que Ele já me abraça!

Bom período de descanso, com Deus no coração!



" O secreto que só Deus vê, gera recompensas que só Deus dá"

O parâmetro do discernimento é o amor e isto é simultaneamente sublime e trágico. Porque ao amor, precisamente, se pode dizer não, e o inferno é isso.

Oscilo continuamente no cume da rejeição da vida verdadeira em nome dos meus projetos, das minhas avidezes, da minha ideia de justiça e da minha soberba. Devo reconhecer este risco que ameaça o meu coração.

Contudo, também me devo recordar que, se cair em tais enganos, me posso reerguer, posso pedir perdão, posso gritar por ajuda e deixar-me salvar. Tenho consciência de que existe uma parte do meu coração que está afeiçoada àquelas convicções sombrias das quais ele se tem alimentado nos períodos tenebrosos da minha vida, e que, se não peço ajuda, ninguém me pode impor que eu seja arrancado à deriva no nada.

Não tenho capacidade para me salvar, mas posso pedir para ser salvo. Não tenho capacidade para perdoar a mim mesmo, mas posso pedir perdão. Não tenho capacidade para amar como Cristo, mas posso pedir que Ele me ame.

Posso abrir-me a Ele.

O homem é um castelo que se conquista a partir de dentro. Precisamos de abrir a porta para dizer um pequeno, um ténue e trémulo «sim» à misericórdia de Deus: no fundo, é esse o verdadeiro problema.

A minha amiga Chiara Corbella Petrillo pediu que lhe escrevessem na lápide: «O importante na vida não é fazer coisas, mas nascer e deixar-se amar».

Pode parecer simples, mas implica algo que deve brotar do nosso interior, em que ninguém pode entrar, só podemos ser acompanhados, amparados, encorajados. Implica o ato de desobedecer àquela famosa palavra sombria e desesperada que trazemos no coração. Não exige força física ou de outro tipo qualquer. Requer vontade de sair da tristeza, do vazio, dos sentimentos destrutivos.

Um pequeno “sim”.

(trecho do livro “A arte de curar”, Fabio Rosini)

Descansar em Deus com inteireza

- Gn 18,1-10a «Meu Senhor, não passeis adiante sem parar em casa do vosso servo.»
- SI 14 (15) (Gen 18, 3)
- Cl 1,24-28 «Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.»
- Lc 10,38-42 (Lc 10, 41-42)



Neste tempo em que alguns de nós já estão de férias e outros anseiam pelo descanso, nada como olhar para Abraão ou para Marta e Maria.

As férias são um tempo de paragem, precisamos de descansar para ganhar forças para o novo ano que se avizinha. Muitas vezes, queremos aproveitar as férias para fazer aquilo que não conseguimos no resto do ano e acabamos por andar numa grande azáfama. Somos como Marta. Queremos estar com todos. Queremos aproveitar tudo.

Hoje, quando rezava estas leituras, o que Deus me dizia era, por um lado, para não esquecer de aproveitar este tempo para estar com Ele, para saborear a Sua presença e, por outro, para estar inteiro em tudo o que faço e na forma como vivo as férias.

Abraão pede a Deus que não passe sem parar na sua casa. Maria deixa outras ocupações para estar com o Senhor. Deus pára na “nossa casa” sempre que Lhe damos espaço para parar. Ele está sempre à porta para entrar na nossa vida e no nosso coração. Ele quer estar presente em cada momento das nossas vidas e espera que Lhe abramos as portas. Nas férias, tempo em que, à partida, estamos mais disponíveis, devia ser, por excelência, um tempo para aprofundar esta relação. Junto do mar ou no campo, contemplando a criação, nada como deixar que o criador nos transforme diante da Sua obra. Maria coloca-se aos pés do Senhor, em contemplação, a absorver tudo o que ele diz e a saborear cada gesto. Esta deve ser a nossa atitude. Aproveitar para acolher Deus nas nossas férias, dar tempo para a contemplação e para a oração. Dar espaço para que Ele fale ao nosso coração.

Marta é, também, neste Evangelho alguém que nos deixa grandes desafios. Não acredito que Jesus a repreenda por ela estar atarefada a servir todos, mas antes por ela estar dividida, queria

estar junto de Jesus, mas tinha muito que fazer. Reclama por a irmã estar junto do Mestre. É ver o coração dividido de Marta que leva Jesus a repreendê-la. Acho que Jesus teria, da mesma forma, repreendido Maria se ela Lhe tivesse dito: “já viste como a minha irmã anda de um lado para o outro e eu é que estou a ouvir-Te?”. Jesus quer-nos



inteiros em tudo o que fazemos, pois quando andamos divididos não conseguimos estar em nada plenamente e acabam por crescer no coração sentimentos que nos afastam d’Ele. Tantas vezes, na azáfama do dia a dia, podemos até estar a fazer as melhores coisas, mas deixamos que a forma como o fazemos nos deixe divididos. Não é o “muito que fazer” que nos cansa, mas o não fazer cada coisa em plenitude e a forma como estamos divididos.

Que este tempo de férias seja um tempo para estarmos inteiros naquilo que fazemos, para podermos descansar verdadeiramente e recarregar forças para o novo ano que se avizinha, mas também para nos ser possível aprofundar a nossa relação com Deus, para darmos tempo, para acolhê-Lo na nossa vida e para, como Abraão, acreditar, Esperar para além da Esperança, pois a Deus nada é impossível. Se conseguirmos verdadeiramente ter umas férias assim, chegaremos ao novo ano com energia para caminhar com passos largos e seguros.

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

(Ricardo Reis - Fernando Pessoa)

*“Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto
enquanto não descansar em Ti.”*

(Santo Agostinho, Confissões, I, 1)

“Pai-nosso”

- Gn 18,20-32 «Naquele tempo, estava Jesus em oração em certo lugar. Ao terminar, disse-Lhe um dos discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar, como João Batista ensinou também os seus discípulos”. Disse-lhes Jesus: “Quando orardes, dizei: ‘Pai, santificado seja o vosso nome; venha o vosso reino; dai-nos em cada dia o pão da nossa subsistência; perdoai-nos
- SI 137 (138)
- Cl 2,12-14
- Lc 11,1-13

os nossos pecados, porque também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixeis cair em tentação”». Disse-lhes ainda: “Se algum de vós tiver um amigo, poderá ter de ir a sua casa à meia-noite, para lhe dizer: ‘Amigo, empresta-me três pães, porque chegou de viagem um dos meus amigos e não tenho nada para lhe dar’. Ele poderá responder lá de dentro: ‘Não me incomodes; a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados e não posso levantar-me para te dar os pães’. Eu vos digo: Se ele não se levantar por ser amigo, ao menos, por causa da sua insistência, levantar-se-á para lhe dar tudo aquilo de que precisa. Também vos digo: Pedi e dar-se-vos-á; procurai e encontrareis; batei à porta e abrir-se-vos-á. Porque quem pede recebe; quem procura encontra e a quem bate à porta, abrir-se-á. Se um de vós for pai e um filho lhe pedir peixe, em vez de peixe dar-lhe-á uma serpente? E se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á um escorpião? Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!”»

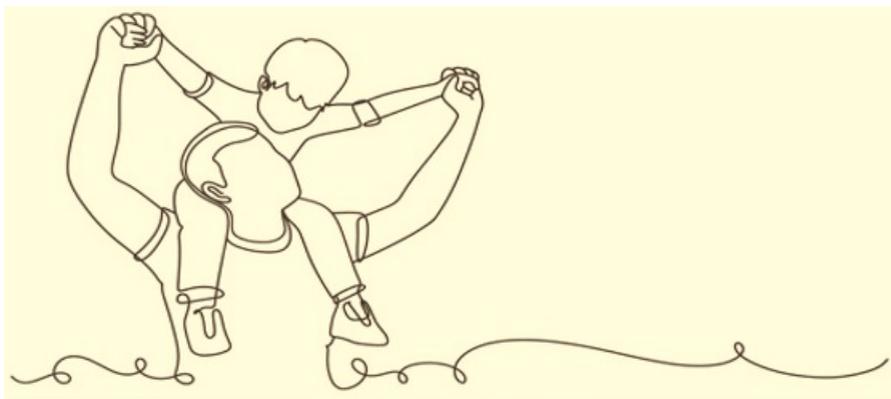
(Lc 11, 1-13)

Em algum momento da nossa vida rezámos ou vimos alguém rezar com uma profundidade tal que sentimos, no imediato, que aquela pessoa se fundia na plenitude divina, com uma expressão e entrega que é, em si, testemunho de Deus em nós. Assim terá sido com os discípulos, que aos poucos foram sendo introduzidos nesta relação com o Pai. Ao observarem Jesus viram qualquer coisa diferente, perscrutaram uma intimidade, vislumbraram o Deus vivo. Mas Jesus não nos convida a conhecer o Seu Pai e a Sua relação com Deus Pai. Jesus convida-nos a ser Seus irmãos e, por essa via, a sermos, também, tratados como filhos muito amados. Por isso, começa a oração com “Pai-nosso” e não “Pai de Jesus”. O Pai torna-se nosso à medida em que nos tornamos, também, irmãos de Jesus.

É difícil traduzir, ao nível do que nos é dado a conhecer de Deus, que tipo de relação se estabelece. Mas, à falta de palavras específicas que o definam, tenhamos presente que Jesus trata Deus por Pai. À nossa imagem, qualquer que seja o nosso referencial de figura paterna, é claro que pai é o que nos dá um primeiro modelo do que significa ser homem, ser responsável, ter uma direção na vida. É alguém que nos enche de coragem e nos desafia a ir mais longe, a procurar o melhor de nós. É alguém que, mesmo depois de partir, nos define e continua a viver em nós. Por outro lado, quando nos falta essa figura ou, de alguma forma, esta imagem é corrompida pelas vicissitudes da vida, não raras vezes encontramos alguém sem este chão, profundamente marcado pela ausência deste farol. Há nesta relação uma enorme alegoria do que é Deus Pai para nós e da enorme responsabilidade que é ser pai e ser filho neste mundo. Porque nas relações carnis somos também escola de Deus.

Num dos seus livros, o psicanalista João dos Santos conta uma história interessante. Os miúdos da “Casa da Praia”, (...), foram convocados para uma brincadeira: tomar de assalto um castelo. (...) Um jogo mais ou menos semelhante a tantos que fizemos. Mas no momento de começar a Peleja, há um menino de quatro anos que se recusa a participar. E quando instado a que se encoraje, põe-se a choramingar, dizendo: “tenho medo, não tenho força, não consigo lutar, o meu pai está em Paris.” Os pais das outras crianças também não estavam ali presentes e seria, por isso, indiferente a localização daquele pai específico. Mas o que o miúdo quis expressar é de outra dimensão. Na realidade, debaixo debatia-se com o seguinte: “ainda não tenho o meu pai suficientemente forte dentro de mim, como imagem, para poder lutar sem ele a meu lado. O meu pai está longe e sou, por consequência, um ser mais frágil”.

(Tolentino Mendonça, *Pai-nosso que estais na Terra*, Paulinas, 6ª ed, 2011)



Notas:

A abundância na vida ou a vida em abundância

Ecl 1,2;2,21-23 «Naquele tempo, alguém, do meio da multidão, disse a Jesus:

Sl 89 (90) “Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo”.

Cl 3,1-5.9-11 Jesus respondeu-lhe: “Amigo, quem Me fez juiz ou árbitro das vossas partilhas?”.

Lc 12,13-21 Depois disse aos presentes: “Vede bem, guardai-vos de toda a avareza:

a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens”.

E disse-lhes esta parábola: “O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita.

Ele pensou consigo: ‘Que hei de fazer, pois não tenho onde guardar a minha colheita?’

Vou fazer assim: deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores,

onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo:

‘Minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos.

Descansa, come, bebe, regala-te’.

Mas Deus respondeu-lhe: ‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma.

O que preparaste, para quem será?’.

Assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus”.»

(Lc 12, 13-21)



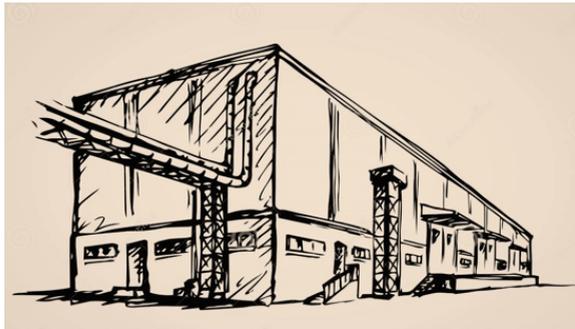
As parábolas de Jesus têm este aspeto extraordinário de terem sido atuais na época em que Ele as proferiu, de o serem ao longo de séculos e de continuarem a sê-lo hoje.

E, neste caso, a parábola é muito fácil de compreender e muito direta para nós.

Vivemos numa sociedade de consumo: é indiscutível. Quanto mais temos, mais queremos, mais compramos, mais acumulamos.

A publicidade está talhada para isso mesmo: para nos fazer acreditar que é impossível viver sem o produto x ou y, sem este ou aquele carro, telemóvel ou electrodoméstico, sem experimentar esta ou aquela bebida, sem provar o chocolate da moda.

Parece que andamos sempre a querer “construir outros maiores”, os nossos “celeiros” de hoje: maiores na conta bancária, maiores no prestígio e no poder, maiores, maiores...



Nos últimos tempos – já há muito tempo, convenhamos, há demasiado – vemos diariamente nas televisões ou na internet imagens de guerra, de destruição, de mortos e feridos, de pessoas esfomeadas que fazem fila e se debatem por uma tijela de arroz ou de cuscuz, que ficaram sem casa e, por isso, vivem em tendas ou ao relento; vemos hospitais e escolas bombardeadas; vemos ONGs que tentam providenciar o mínimo dos mínimos àquelas populações e, muitas vezes, são impedidas de o fazer ou não chegam a tempo de evitar que crianças morram desidratadas ou com febre, porque não há água potável nem medicamentos.

Sinto-me impotente. Fico chocada, triste, angustiada, irritada... – porque é possível fazer alguma coisa e não se faz, porque quem

A parábola que Jesus vai apresentar ilustra a atitude do homem voltado para os bens percíveis, mas que se esquece do essencial – aquilo que dá a vida em plenitude.

Apresenta-nos um homem providente, responsável, trabalhador (que até podíamos admirar e louvar); mas que, de forma egoísta e obsessiva, vive apenas para os bens que lhe asseguram tranquilidade e bem-estar material (...). Esse homem representa, aqui, todos aqueles cuja vida é apenas um acumular sempre mais, esquecendo tudo o resto – inclusive Deus, a família e os outros; todos aqueles que vivem uma relação de “circuito fechado” com os bens materiais, que fizeram deles o seu deus pessoal e que esqueceram que não é aí que está o sentido fundamental da existência. (...)

O que é que Jesus pretende, ao contar esta história? Convidar os seus discípulos a despojar-se de todos os bens? Ensinar aos Seus seguidores que não devem preocupar-se com o futuro? Propor aos que aderem ao Reino uma existência de miséria, sem o necessário para uma vida minimamente digna e humana? Não!

O que Jesus pretende é dizer-nos que não podemos viver na escravatura do dinheiro e dos bens materiais, como se eles fossem a coisa mais importante da nossa vida. (...) Quando o coração está cheio de cobiça, de avareza, de egoísmo, quando a vida se torna um combate obsessivo pelo “ter”, quando o motor da vida é a ânsia de acumular, o homem torna-se insensível aos outros e a Deus; (...) Torna-se orgulhoso e auto-suficiente, incapaz de amar, de partilhar, de se preocupar com os outros... Fica, então, à margem do Reino.

<https://www.dehonianos.org/porta1/18o-domingo-do-tempo-comum-ano-c0/>

Para uma Igreja eucarística

Sb 18,6-9 «A fé é a garantia dos bens que se esperam e a certeza das realidades que não se veem.»

Sl 32 (33) (Heb 11, 1)

Hb 11,1-2.8-19 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Tende os rins cingidos e as

Lc 12, 32-48 lâmpadas acesas. Sede como homens que esperam o seu senhor ao voltar do casamento, para lhe abrirem logo a porta, quando chegar e bater. Felizes esses servos, que o senhor, ao chegar, encontrar vigilantes. Em verdade vos digo: cingir-se-á e mandará que se sentem à mesa e, passando diante deles, os servirá. Se vier à meia-noite ou de madrugada, felizes serão se assim os encontrar. Compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não o deixaria arrombar a sua casa. Estai vós também preparados, porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem”»
(Lc 12, 35-40)

E escrevo estas pistas num momento em que o novo Papa, Leão XIV, foi eleito pelo Conclave há poucos dias. Talvez por isso, ao rezar as leituras de hoje, pensei muito no papel da Igreja nas nossas vidas. Não só para os católicos, mas também para o mundo. Pensei também no papel do Papa. Nem todas as religiões têm um líder espiritual mundial, vivem noutras realidades, mais regionais ou locais. Certamente, esses sistemas religiosos terão também as suas virtudes e problemas. Nós, os católicos, temos, desde Pedro, um Papa. Aqueles que têm algumas décadas de vida, já acompanharam vários pontificados e os seus legados. Talvez tenhamos lido algumas encíclicas, lido mensagens de Advento, ou tenhamos até tido a sorte de ter assistido a uma cerimónia presidida por um Papa. Podemos até ter as nossas preferências por um ou outro, por esta ou aquela razão.

É verdade que podemos dizer que o Papa está longe, que a nossa comunidade ou a nossa paróquia são mais relevantes no nosso quotidiano e que os padres ou as missionárias que conhecemos nos ajudam mais, porque tocaram mais de perto a nossa vida. E, muitas vezes, é mesmo assim. No entanto, o Papa Francisco mostrou-nos de uma forma nova que é bom quando não nos é indiferente quem se senta na cadeira de Pedro. Que um Papa que sentimos próximo, que escreve e fala de uma forma que todos compreendem, que chama, de uma forma sinodal, TODOS os que querem participar na vida da Igreja, faz a diferença. Porque um rebanho com um bom pastor vai mais longe e chega unido. E essa união faz-nos mais felizes. Porque sozinhos até podíamos ter ido mais rápido, mas perderíamos decerto muitos pelo caminho.

Após a morte do Papa Francisco, vários amigos – crentes e não crentes – me perguntavam o que iria ser da Igreja, se o espírito de abertura e inclusão, de simplicidade, de preocupação com as periferias e com a ecologia, de liderança pelo exemplo, iria esmorecer ou – pior – ser substituído por outras perspetivas, mais

fechadas ao mundo. A todos respondi que a Igreja somos todos nós e que não podemos deixar de ter esperança. Ao rezar as leituras de hoje, voltei a refletir sobre isto. Iremos certamente conhecer melhor o Papa Leão XIV nos próximos tempos, veremos o que vai dizer e fazer. Mas... e nós? E eu? O que vou dizer e fazer?

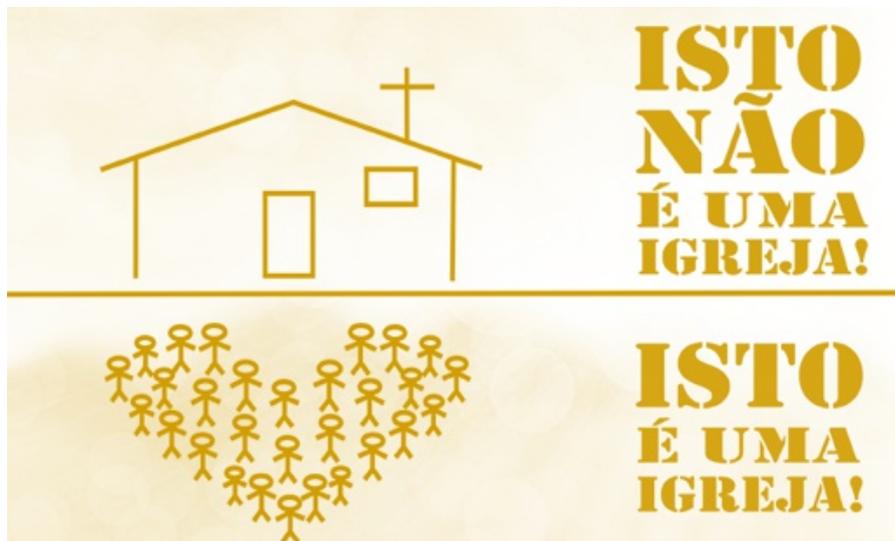
Como nos diz o Evangelho, estou vigilante? Pronto para seguir Jesus? Porque é a Ele que todos queremos seguir. O Papa Francisco tocou-nos muito, o Papa Leão XIV seguramente também nos vai interpelar, continuamos a ter os nossos priores, as nossas queridas missionárias, e todos eles nos ajudam muito. Mas o caminho da Igreja é o nosso caminho. Façamos memória de tudo aquilo que dissemos que gostávamos que o novo Papa fosse. Podemos até escrever. “Gostava que Leão XIV continuasse a apelar aos cristãos por uma conversão ecológica”, seria uma das minhas frases. Então, começa por ti, mantém-te vigilante e não desistas – diz-me a leitura de hoje.

No período de sede vacante e especialmente durante o conclave, assisti a vários jornalistas e comentadores que tinham dificuldade em perceber a fé que os católicos demonstravam ao dizerem, depois de manifestarem os seus desejos para o novo pontificado, que confiavam na ação do Espírito. E achei interessante quando, após o conclave, um comentador chamou a atenção para o facto de que, assim que apareceu fumo branco, as pessoas na Praça de São Pedro (e em todo o mundo) terem começado imediatamente a festejar – mesmo sem saber ainda quem era o novo Papa. Porque o que festejávamos era a continuidade da nossa fé. E é essa fé que nos faz continuar a caminhar, cada um no seu contexto e com os seus dons. Deixo, então, o desafio de pensarmos, no tempo de verão ou de descanso deste ano, se estamos realmente vigilantes e de que forma podemos – no momento da vida em que estamos e com as possibilidades que temos – ajudar a cumprir a Igreja que desejamos ter.

Continuação de um ótimo verão e boa oração!

A Igreja é chamada a ser uma Igreja Eucarística. Isto é, uma Igreja que não se coloca a si mesma como prioridade, mas no centro coloca Cristo e retoma Dele as Palavras e os gestos, o modo de olhar cada pessoa e a visão global sobre a vida. Uma Igreja eucarística é o contrário de uma Igreja clericalista: é uma Igreja configurada sinodalmente, que valoriza a participação de todos os batizados, que reconhece o papel do ministério ordenado, que cuida dos seus pastores e os acarinha, que investe nos ministérios laicais, que promove uma cultura eclesial de corresponsabilidade, que lê com profecia o lugar da mulher na Igreja. A Igreja Eucarística é uma Igreja de ‘portas abertas’, que se apresenta como experiência de serviço amoroso à vida.”

(Cardeal José Tolentino de Mendonça, enquanto delegado do Papa Francisco na Eucaristia de encerramento no V Congresso Eucarístico Nacional em Braga, a 2 de junho de 2024)



“Com Maria, Alegres na Esperança”

- Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab «Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino exultou-lhe no seio. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz:
- Sl 44 (45) “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre.
- 1 Cor 15,20-27
- Lc 1,39-56

Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor”.

Maria disse então:

“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque pôs os olhos na humildade da Sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o Seu nome. A Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. Manifestou o poder do Seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, Seu servo, lembrado da Sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre”.

Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses e depois regressou a sua casa.» (Lc 1, 39-56)



Hoje somos convidados a contemplar, a escutar, a agradecer, a rezar e a deixar-nos envolver por Maria, a Mãe de Jesus, a Mãe de cada um, a Mãe de todos, todos, todos...

O primeiro discurso do Papa Leão XIV (Bênção *Urbi et Orbi*), após a sua eleição, termina com estas palavras: “A nossa Mãe, Maria, quer sempre caminhar connosco, estar perto, ajudar-nos com a sua intercessão e o seu amor. Gostaria, por isso, de rezar convosco. Rezemos juntos por esta nova missão, por toda a Igreja, pela paz no mundo e peçamos a Maria, nossa Mãe, esta graça especial: Avé Maria...”

Querida Maria, és uma presença de proximidade para cada filho. Hoje, quero experimentar sentir-me mais perto e rezar contigo o Magnificat, a oração que é um verdadeiro cântico da alma, uma dança entre o céu e a terra, e que nos convida a três atitudes profundamente transformadoras:

1) Humildade com Confiança

«...porque pôs os olhos na humildade da Sua serva (...) O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas...»

Vivemos tempos onde o valor muitas vezes se mede por aparência, sucesso ou produtividade. Por outro lado, há momentos em que nos sentimos pequenos diante dos desafios da vida.

Maria reconhece que não tem poder nem posição, não se engrandece a si própria, mas deixa que Deus seja grande nela; confia que Deus vê os corações, especialmente os humildes, os que acolhem a vida como dom. E Deus age nos pequenos, nos simples, nos disponíveis.

Convite amoroso: permitir que o divino floresça dentro de nós.

2) Coragem Profética

«Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias».

Neste mundo de injustiças, desigualdades e indiferença, Maria reconhece um Deus que inverte a lógica do mundo: exalta os humildes, sacia os famintos, liberta os oprimidos. É um Deus que ouve o clamor silencioso de quem sofre, que Se faz presente no escondido.

Convite amoroso: termos a coragem de ser voz, gesto e presença de esperança ativa.

3) Gratidão e Alegria Interior

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador».

Na nossa vida, tantas vezes marcada pela ansiedade, desânimo ou insatisfação, esta oração é um convite à alegria interior que nasce da fé, não das circunstâncias.

Maria canta mesmo sem ver ainda o futuro. Ela canta porque confia.

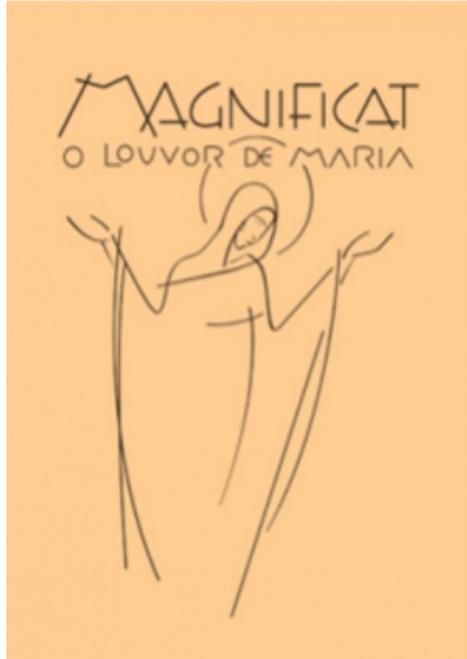
Convite amoroso: parar e agradecer, valorizar o que parece pequeno, pois pode ser uma semente de luz.

MAGNIFICAT é uma oração de fé viva, que reconhece, com humildade e gratidão, a ação transformadora de Deus no mundo e na vida de cada um. Sempre que a rezamos, unimo-nos a Maria e, com ela, deixamos que Deus realize também em nós “maravilhas”.

*Maravilhas fez em mim
Minh'alma canta de gozo
Pois na minha pequenez
Se detiveram seus olhos*

*E o Santo e Poderoso
Espera hoje por meu Sim
Minha alma canta de gozo
Maravilhas fez em mim
Maravilhas fez em mim
Da alma brota o meu canto
O Senhor me amou
Mais que aos lírios do campo*

*E por seu Espírito Santo
Ele habita hoje em mim
Que não pare nunca este canto
Maravilhas fez em mim*



(Autoria: Paula Willumsen, Schoenstatt)

Por uma paz que valha a pena

Jr 38,4-6.8-10 «Naquele tempo, disse Jesus aos Seus discípulos:

SI 39 (40) “Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu senão que ele se acenda? Tenho de receber

Hb 12 1-4 um batismo e estou ansioso até que ele se realize.

Lc 12,49-53 Pensais que Eu vim estabelecer a paz na terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a

divisão.

A partir de agora, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três.

Estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai, a mãe contra a filha e a filha contra a mãe, a sogra contra a nora e a nora contra a sogra”.»

(Lc 12, 49-53)



Evangelho deste domingo não é fácil de ler nem escutar. Ouvir Jesus a dizer que veio trazer a desunião é desconcertante, torna-se difícil de entender. Quando penso em Jesus, penso em amor. Um amor que se entrega sem limites nem condições.

Assim, ler neste Evangelho as expressões *“trazer fogo à terra”*, *“trazer a divisão”* e *“estarão cinco divididos numa casa”* não é fácil de assimilar.

Rezar este texto da Palavra de Deus não é, não foi, fácil nem evidente. Mas só se pode rezar este texto em diálogo com Jesus. Perguntar-Lhe uma e outra vez: Ajudas-me a entender, Jesus, o que pretendes dizer-me com estas palavras?

É necessária mais divisão? O mundo já não está dividido o suficiente ou, melhor dizendo, já não está dividido demais? E o que dizer das pessoas, das famílias, da sociedade?

Jesus está a falar com os discípulos. Fala para aqueles doze e para o concreto das suas vidas, das suas circunstâncias. Quando rezamos, Jesus fala com cada um de nós. Fala para a nossa realidade, para as nossas circunstâncias e vidas atuais. Por isso, devemos perguntar a Jesus o que Ele nos quer dizer com estas palavras. O que me quer dizer a mim, não ao vizinho do lado ou ao ser humano em geral. O que é que Ele me quer dizer a mim, hoje, nesta minha situação e realidade concreta?

Que conceito de paz tenho? Existe a expressão *“Deixa-me em paz!”*. Uma expressão que não quer dizer nada mais que: deixa-me quieto no meu canto. Isso é paz? O conformar-me com uma realidade que gera injustiça e desalento é estar em paz ou construir a paz?

Ao rezar estas palavras do Evangelho, sentia que o meu conceito de paz era colocado em questão. Que paz procuro eu para a minha vida e para a vida dos outros?

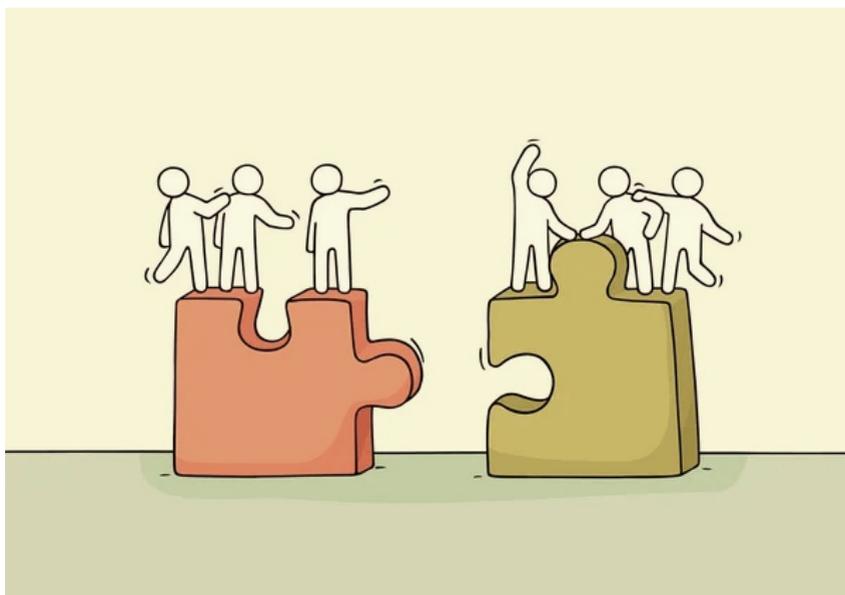
Vivemos uma sociedade cada vez mais polarizada e onde é cada vez mais fácil apontar o dedo e encontrar os responsáveis por todos os problemas que acontecem. E, curiosamente, a culpa é sempre do outro, seja ele alguém apenas diferente, estrangeiro ou simplesmente outro.

Jesus diz no Evangelho: *“Tenho de receber um batismo e estou ansioso até que ele se realize.”*

É no Seu batismo que Ele alicerça essa vontade de *“trazer o fogo à terra”*.

Ao rezar este texto, descobri que a divisão de que Jesus fala começa dentro de mim. Os sentimentos contraditórios do egoísmo e da generosidade, do amor e da indiferença, da ação e do comodismo.

Será que deixamos que a Palavra de Deus divida e separe, dentro de nós, o que nos oprime e o que nos liberta? Será que deixamos que todas as Palavras de Jesus (e por isso também estas) nos transformem e nos ensinem a amar cada vez mais à Sua maneira?



O Espírito Santo vem até nós como laboratório da criatividade, da invenção de Deus no nosso coração.

Porque o alfabeto com que Deus Se escreve é sempre novo, em cada pessoa, em cada crente, em cada tempo, em cada dia, em cada instante.

O Espírito Santo é essa criatividade em ato que nos estimula a sermos diferentes, a sermos originais.

E conspira para, na nossa diferença, na nossa singularidade irreduzível, nós nos conseguirmos entender, conseguirmos criar laços de fraternidade, conseguirmos ser um único pão partido e distribuído para a fome do mundo.

Por isso, nós somos consequência do Espírito Santo.

(Cardeal José Tolentino Mendonça, publicação do Facebook)

Abre as portas do teu coração a Jesus

Is 66,18-21 «Eis o que diz o Senhor: “Eu virei reunir todas as nações e todas as línguas, para que venham contemplar a minha glória. Eu lhes darei um sinal e de entre eles enviarei sobreviventes às nações: a Társis, a Fut, a Lud, a Mosoc, a Rós, a Tubal e a Javã, às ilhas remotas que não ouviram falar de Mim nem contemplaram ainda a Minha glória, para que anunciem a Minha glória entre as nações”.»
(Is 66, 18-19)

SI 116 (117)

Hb 12,5-7.11-13

Lc 13,22-30

«Naquele tempo, Jesus dirigia-Se para Jerusalém e ensinava nas cidades e aldeias por onde passava. Alguém Lhe perguntou: “Senhor, são poucos os que se salvam?”. Ele respondeu: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir. Uma vez que o dono da casa se levante e feche a porta, vós ficareis fora e batereis à porta, dizendo: ‘Abre-nos, senhor’; mas ele responder-vos-á: ‘Não sei donde sois’. Então começareis a dizer: ‘Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste nas nossas praças’. Mas ele responderá: ‘Repito que não sei donde sois. Afastai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade’. Aí haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e Jacob e todos os Profetas, e vós a serdes postos fora. Hão de vir do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus. Há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos”.»
(Lc.13, 22-30)



tenho andado às voltas com estas leituras... É a porta que é estreita, é o meu espírito que está desassossegado, é o Senhor quem nos vem corrigir... protelei ao máximo a entrega das pistas, porque realmente não sabia o que escrever. Como posso partilhar o que o Senhor me diz, quando eu não oiço nada? Então pensei, que vou fazer, Jesus? E o que ouvia de resposta é “permanece”; “continua a rezar, partilha o que tens vivido”, mesmo que não esteja diretamente relacionado com as leituras.

Pego na frase *“Esforçai-vos por entrar pela porta estreita”* porque é a que mais me tem acompanhado e inquietado nestes dias: primeiro, porque me incomoda que a porta seja estreita: se o Reino é para passarmos todos, não faria mais sentido que ela fosse larga, para entrarmos muitos ou mesmo todos?

Mas também me apercebo de que é uma porta, ou seja, é para atravessarmos, não é para ficarmos parados. E também podemos passar a porta para o exterior ou para o mais interior de nós. Mas, se, nas nossas casas, a porta pode servir para nos proteger, para não deixar alguém entrar, que porta me convidas a atravessar hoje, Jesus?

Muitas vezes, tenho a tentação de não fazer nada: ficar apenas à porta a observar. Estou ali, naquele sítio que não me compromete, só a ver: vejo o que estou a viver, o que poderia estar a viver se me compromettesse mais... “Armo a tenda” à porta, sem me atrever a atravessar, porque caio na tentação de parar nos sítios que são para atravessar, a ganhar coragem, a ganhar balanço, com medo do julgamento de quem fica de fora se eu atravessar, de ter de escolher, de ter de me comprometer – no fundo, com medo ou preguiça de me desinstalar. Este ano, fui na peregrinação dos adultos a Fátima e uma das coisas de que me apercebi a “rezar com os pés” é que estou muito acomodada nas minhas rotinas, no meu meio, nos meus pensamentos; estou muito habituada a ter muitas

“coisas” ao meu dispor. No outro dia, ia de carro para o trabalho e tornava a vir-me à ideia que lá ia eu na minha bolha, a ouvir o meu podcast preferido, temperatura ambiente agradável, com uma certa barreira entre mim e os outros... Quantas vezes andamos assim nas nossas bolhas? Nos nossos hábitos? Mesmo que sejam bons hábitos?

Também nesta Páscoa estive numas pistas em que nos questionavam: como imagino Jesus a viver a minha vida? E isto interpela-me muito: porque é que Jesus havia de vir viver a minha vida? O meu primeiro pensamento foi “o que vem Ele cá fazer à minha vida, não tem Ele mais que fazer, com o mundo como está?!”... Mas realmente, com honestidade, sou capaz de rezar isto em verdade? Sou capaz de imaginar Jesus a viver a minha vida? A tomar opções por mim, ou a ter uma palavra a dizer nas opções que eu tomo? Ou na forma como atuo no trabalho ou em família? Ou fora da comunidade (já que na comunidade parece sempre ser mais fácil ser fraterno)? Ou só Lhe dou espaço para falar naqueles temas que me são fáceis e confortáveis?

Não será por isso que a porta se estreita, porque estamos a ser convidados a um compromisso maior, um que implique abrir realmente todas as portas da nossa vida e do nosso coração a Jesus, a Maria, ao Pai, aos outros? O que faço, o que vivo, em que medida contribuí para a construção do Reino de Deus hoje?

Também na peregrinação, num dos dias, fomos rezar a um jardim que, à entrada, tinha o nome das tribos de Israel e, naquele momento, lembro-me de ter pensado: nestas tabuletas, podiam estar hoje os nossos apelidos... Nós somos as tribos de Israel dos dias de hoje. Somos nós os chamados à construção do Reino de Deus: vivendo as nossas vidas com Ele. Com Aquele que nos deixou um Pai que nos ama e espera sempre por nós e pelo nosso sim, que nos mantém debaixo do seu olhar amoroso e para quem somos tão especiais, Aquele cujo amor nos constrói e nos completa, que nos

deixou também o Seu Espírito Santo para nos iluminar o caminho; e são a Sua Paz e Esperança que nos permitem permanecer no caminho, mesmo quando vivemos tempos de incerteza e destruição. Mesmo quando O negamos como Pedro ou O traímos como Judas, temos a graça de ter uma fé que nos ajuda a levantar-nos quando estamos caídos, e uma comunidade que nos ajuda a perseverar e a viver mais “ao estilo de Jesus”.

Também partilho a frase que ouvi na peregrinação e que é muito apropriada para esta leitura: “as portas da felicidade abrem para fora” (Kierkegaard)... É tão verdade, não é?

Somos convidados a abrir as portas do nosso coração, da nossa vida, talvez com mais consciência, com mais verdade: abri-las a Jesus. Abri-las ao Pai. Para que connosco vivam a nossa vida: colocá-los no centro e não no espaço que nos sobra. Para que as “nossas” portas e as nossas vidas deixem de ser estreitas, mas sejam coerentes e verdadeiras, sejam fraternas, sejam reparadoras e construtoras do amor de Jesus que queremos e já levamos dentro de nós, mas que precisa de crescer para se mostrar ao mundo.



“Para fazer o Bem, bem feito”

Para fazer o Bem, há que escolher o bem maior entre vários bens possíveis. Mas não basta! É preciso, também, escolher o modo melhor, e mais humano, de o pôr em prática: fazê-lo «bem feito», isto é, do modo mais construtivo.

E mais ainda: para escolher o maior bem ou o caminho mais humano, seja qual for a circunstância, é necessário cultivar a liberdade interior. Este é o Segredo!

Mas há também o caminho, o discernimento na sua dupla aceção: primeiro, identificar, distinguir e lidar com a variedade dos estados de espírito, e, depois, o processo de ponderar alternativas para chegar a uma boa decisão. (...)

Quem não gostaria de fazer o Bem e de o fazer de modo certo, no tempo certo? Esse ideal humano parece bem difícil! É possível? Sim, podemos tornar-nos capazes, o segredo está em cada um se tornar Livre. Está na sabedoria e na disciplina de não se «deixar levar» por quaisquer condicionamentos e pressões, interiores e exteriores.

É verdade, mas não é desculpa: somos seres condicionados, sempre e de muitos modos. Mas podemos sempre e cada vez mais e melhor conhecer e lidar com todas essas pressões, interesses, desejos, apetites e medos... Para isso serve o discernimento, que tem de começar por uma tomada de consciência alargada e crítica sobre a realidade. É a disciplina e o treino do «exame» ou do «pensamento crítico», para o qual devíamos ser educados, sobretudo aquilo que nos vem de dentro e nos rodeia: situações, relações, valores, o espaço e o tempo, a previsão das consequências.

A acompanhar a consciência crítica, importa cultivar a força de vontade para seguir – ainda que por vezes sozinhos e por entre muitas «vozes» e «ofertas» – a Voz maior da nossa responsabilidade histórica.

Uma coisa é certa: a Vontade libertada não se alcança sem o Amor maior, que nos cria, recria e ultrapassa. Ou seja: sem aquilo a que os cristãos chamam «graça divina», que bate à porta de todos os homens e mulheres de boa vontade.

O verdadeiro discernimento leva ao compromisso. O compromisso traz consigo a alegria e manifestará a identidade e a missão de quem está no mundo, não para o ver passar, mas para o deixar melhor e com mais lugar para todos.

(“Fazer o bem, bem feito”, Padre Vasco Pinto Magalhães)

O Banquete

- Sir 3,19-21.30-31 «Naquele tempo, Jesus entrou, num sábado, em casa de um dos principais fariseus para tomar uma refeição. Todos O observavam. Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, Jesus disse-lhes esta parábola:
- Sl 67 (68)
- Hb 12,18-19.22-24a
- Lc 14,1.7-14 “Quando fores convidado para um banquete nupcial, não tomes o primeiro lugar. Pode acontecer que tenha sido convidado alguém mais importante do que tu; então, aquele que vos convidou a ambos, terá que te dizer: ‘Dá o lugar a este’; e ficarás depois envergonhado, se tiveres de ocupar o último lugar. Por isso, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele que te convidou, dirá: ‘Amigo, sobe mais para cima’; ficarás então honrado aos olhos dos outros convidados. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”. Jesus disse ainda a quem O tinha convidado: “Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem os teus vizinhos ricos, não seja que eles por sua vez te convidem e assim serás retribuído. Mas quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te: ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos”.»
- (Lc 14, 1.7-14)



este Evangelho, Jesus coloca-nos no ambiente de um banquete em casa de um fariseu. Pessoas aparentemente retas, mas corroídas pela ambição. Este é o mote para Jesus falar sobre o Reino.

É interessante fazer o exercício de me colocar nesse ambiente, e até de ter presente momentos de convívio reais à volta da mesa. É curioso perceber que a escolha de um lugar numa mesa desconhecida não é natural, traz em si um certo grau de competição, de cumprimento de expectativas. Sento-me mais perto do anfitrião? Da pessoa mais destacada? Será que é melhor escolher um lugar “meio-meio” que não me comprometa? Ou tento ficar no lado mais “invisível” da mesa, o que por vezes dá jeito?

A verdade é que qualquer argumento pessoal para a escolha tem sempre algum motivo egocêntrico. Eu e os meus interesses, mesmo que mascarados de uma falsa humildade ou gentileza.

Se quero ser o último dos últimos, então que o faça por amor, por entrega incondicional de qualquer aspiração, de qualquer desejo, de qualquer temor. Despojo-me de todos os interesses e limites pessoais e, nesse ato de liberdade, escolho o último lugar. Em total entrega, pronto a receber o Alimento, aí repouso o coração.

Dito de outras formas, Jesus traz sempre este segredo. Se queremos entrar no Reino de Deus, façamo-nos pequenos. Não há outra fórmula. O Reino abre-se para quem aceita largar tudo, numa rendição de amor. Um ato de largar que não é necessariamente exterior, mas necessariamente interior. Afirmo-o na medida da minha fé, assente na Palavra e nas palavras de Santos e Profetas. Peço a Graça de o poder experimentar ainda em vida e a luz para seguir no caminho desse Encontro.

Desafio-te a praticar também este exercício de imaginação, deixando que a Palavra te fale:

Imagina um enorme banquete para o qual foste convidado/a.
O que se está a comemorar?
Quem lá está?
Que lugar da mesa escolhes e porquê?



«Quando ofereceres um banquete, não convides os teus amigos nem os teus irmãos nem os teus parentes nem os vizinhos ricos». Porque depois eles convidar-te-ão, e estes são os laços que mantêm um mundo imóvel e conservador, que se ilude de se manter a si próprio, num ilusório equilíbrio do dar e do ter.

Tu, ao contrário, faz como o Senhor, que ama em primeiro lugar, ama em perda, ama sem reciprocidade, ama sem contar e sem condições: quando ofereceres uma refeição, convida pobres, aleijados, coxos, cegos. Acolhe aqueles que ninguém acolhe, dá àqueles que nada te podem restituir. E serás feliz porque não têm o que te dar em troca. Serás feliz, encontrarás a alegria. Encontrá-la-ás de cada vez que fizeres as coisas não por interesse, mas por generosidade.

O homem, para estar bem, deve dar. É a lei da vida. E por isso também lei de Deus. Serás feliz, é o segredo das bem-aventuranças: Deus oferece alegria a quem gera amor.

(Ermes Ronchi In "Avvenire"
Trad.: Rui Jorge Martins)

https://www.snpcultura.org/o_lugar_de_Deus_sempre_entre_os_ultimos.html

parte II

somos Igreja

Um Verão e um Caderno de Oração para o Verão

Finalmente o Verão!!! Vão chegar as férias!!! Mas começa um novo stress... O que vamos fazer? Onde vamos passear? Com quem vamos deixar as crianças que entram de férias mais cedo? E há tanto para organizar: quantos dias em família e quantos dias com os amigos? Que compras precisamos de fazer? Roupa, alimentos. A revisão do carro antes de viajar... Uff!!! Vêm aí dias desafiantes e desgastantes...

Temos algumas propostas para ti:

- Primeiro, pára; sim, pára...
- Pensa no que mais precisas...
- No que mais precisa a tua família...
- Como melhor estares com os teus amigos...
- Prepara-te, não para fazer coisas...
- Privilegia o ser, o estar, o silenciar, o acolher, o escutar o outro, o cuidar...
- Tem, sim, uma preocupação: estares bem e seres feliz e ajudares os outros a estarem bem e a serem felizes.

Queremos dar-te mais algumas sugestões: tem conversas interessantes, lê bons livros, vê filmes de qualidade, olha o pôr-do-sol, reza, contempla. Isto pode fazer uma grande diferença na tua vida e na dos que estão à tua volta. Temos um amigo que todos os anos é massacrado pela família e pelos amigos porque, de um mês de férias, tira uma semana para fazer um retiro de silêncio. Justifica-o sempre dizendo que, se não faz esse retiro em que serena e enche o seu coração do amor de Deus, é ele quem vai massacrar a sua família. Após essa semana de diálogo com Jesus, no silêncio, vem renovado para estar com os outros.

Desejamos que aproveites e desfrutes deste caderno. Que as pistas de oração dos domingos, os textos, as informações, e tudo o mais que aqui vais encontrar possam ser uma boa ajuda. É por todos vocês e para vocês que fazemos este Caderno de Oração, para que vos ajude a ter um bom Verão.

Excertos da Homilia do Cardeal Giovanni Battista Re na Missa das Exéquias do Papa Francisco “Não vos esqueçais de rezar por mim”

Nesta majestosa praça de São Pedro, onde o Papa Francisco celebrou tantas vezes a Eucaristia e presidiu a grandes encontros ao longo destes 12 anos, encontramos-nos reunidos em oração à volta dos seus restos mortais com o coração triste, mas sustentados pelas certezas da Fé, que nos garante que a existência humana não termina no túmulo, mas na casa do Pai, numa vida de felicidade que não terá ocaso.

Apesar da sua fragilidade, nesta reta final, e do seu sofrimento, o Papa Francisco escolheu percorrer este caminho de entrega até ao último dia da sua vida terrena. Seguiu as pegadas do seu Senhor, o bom Pastor, que amou as Suas ovelhas até dar a própria vida por elas. E fê-lo com força e serenidade, junto do Seu rebanho, a Igreja de Deus.

O primado da evangelização foi o guia do seu Pontificado, difundindo, com um claro cunho missionário, a alegria do Evangelho, que foi o título da sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Uma alegria que enche de confiança e esperança o coração de todos aqueles que se entregam a Deus

O fio condutor da sua missão foi, também, a convicção de que a Igreja é uma casa para todos; uma casa com as portas sempre abertas. Várias vezes utilizou a imagem da Igreja como um “hospital de campanha” depois de uma batalha na qual houve muitos feridos; uma Igreja desejosa de cuidar, com determinação, dos problemas das pessoas e das grandes angústias que dilaceram o mundo contemporâneo; uma Igreja capaz de se inclinar sobre cada homem, independentemente da sua fé ou condição, curando as suas feridas.

O Papa Francisco sempre deu centralidade ao Evangelho da Misericórdia, sublinhando, repetidamente, que Deus não se cansa de nos perdoar: Ele perdoa sempre, seja qual for a situação de quem pede perdão e que, depois, regressa ao bom caminho.

O tema da fraternidade atravessou todo o seu pontificado com tons vibrantes. Na sua Carta Encíclica *Fratelli tutti*, pretendeu reanimar a aspiração mundial à fraternidade, porque todos somos filhos do mesmo Pai que está nos céus.

Dirigindo-se a homens e mulheres de todo o mundo, na sua Carta Encíclica *Laudato si'*, chamou a atenção para os deveres e a corresponsabilidade em relação à casa comum. “Ninguém se salva sozinho”.

Perante o eclodir de tantas guerras, nos últimos anos, com horrores desumanos e inúmeras mortes e destruições, o Papa Francisco levantou, incessantemente, a sua voz implorando a paz.

O Papa Francisco costumava concluir os seus discursos e encontros dizendo: “*Não vos esqueçais de rezar por mim*”.

Querido Papa Francisco, agora pedimos-Vos que rezeis por nós e que, do Céu, abençoeis a Igreja, abençoeis Roma, abençoeis o mundo inteiro, como fizeste no domingo passado, do balcão central desta Basílica, num último abraço a todo o povo de Deus, mas também, idealmente, à Humanidade que procura a verdade de coração sincero, e segura bem alto a chama da esperança.

versão integral em <https://www.vatican.va/content/vatican/pt/special/sede-vacante/sede-vacante-2025/20250426-messa-esequiale-francesco.html>



Excertos da Homilia do Papa Leão XIV na Missa de início do seu pontificado

No início do ministério que me foi confiado, saúdo-vos a todos com o coração cheio de gratidão. Escreveu Santo Agostinho: «*Fizestes-nos para Vós, [Senhor,] e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós*» (Confissões, 1,1.1).

Nos últimos dias, vivemos tempos particularmente intensos. A morte do Papa Francisco encheu os nossos corações de tristeza e, naquelas horas difíceis, sentimo-nos como as multidões que o Evangelho diz serem «*como ovelhas sem pastor*» (Mt 9, 36).

No entanto, precisamente no dia de Páscoa, recebemos a sua última bênção e, à luz da ressurreição, enfrentámos este momento na certeza de que o Senhor nunca abandona o Seu povo, mas congrega-o quando se dispersa e guarda-o «*como o pastor ao seu rebanho*» (Jr 31, 10).

Neste espírito de fé, o Colégio Cardinalício reuniu-se para o Conclave. Chegando com histórias diferentes e de caminhos diversos, colocámos nas mãos de Deus o desejo de eleger o novo sucessor de Pedro, o Bispo de Roma, um pastor capaz de guardar o rico património da fé cristã e, ao mesmo tempo, de olhar para longe, para ir ao encontro das interrogações, das inquietações e dos desafios de hoje. Acompanhados pela vossa oração, sentimos a ação do Espírito Santo, que soube harmonizar os diferentes instrumentos musicais e fez vibrar as cordas do nosso coração numa única melodia.

Fui escolhido sem qualquer mérito e, com temor e tremor, venho até vós como um irmão que deseja fazer-se servo da vossa fé e da vossa alegria, percorrendo convosco o caminho do amor de Deus, que nos quer a todos unidos numa única família.

Amor e unidade: estas são as duas dimensões da missão que Jesus confiou a Pedro.

É o que nos narra o trecho do Evangelho, que nos leva ao lago de Tiberíades, o mesmo onde Jesus iniciou a missão recebida do Pai: “pescar” a Humanidade para salvá-la das águas do mal e da morte. Passando pela margem daquele lago, chamou Pedro e os outros primeiros discípulos para serem como Ele, “*pescadores de homens*”, e agora, após a ressurreição, cabe-lhes precisamente a eles levar em frente esta missão, lançar, sempre e novamente, a rede imergindo nas águas do mundo a esperança do Evangelho, e navegar no mar da vida para que todos se possam reencontrar no abraço de Deus.

Como pôde Pedro levar adiante essa tarefa? O Evangelho diz-nos que isso só é possível porque ele experimentou na própria vida o amor infinito e incondicional de Deus, mesmo na hora do fracasso e da negação

A Pedro, portanto, é confiada a tarefa de «amar mais» e dar a sua vida pelo rebanho. O ministério de Pedro é marcado precisamente por este amor oblato, porque a Igreja de Roma preside na caridade e a sua verdadeira autoridade é a caridade de Cristo. Não se trata, nunca, de capturar os outros com a prepotência, com a propaganda religiosa ou com os meios do poder, mas trata-se, sempre e apenas, de amar como fez Jesus.

Pedro deve apascentar o rebanho sem nunca ceder à tentação de ser um líder solitário ou um chefe colocado acima dos outros, tornando-se dominador das pessoas que lhe foram confiadas (cf. 1 Pe 5, 3); pelo contrário, é-lhe pedido que sirva a fé dos irmãos, caminhando com eles: todos nós, com efeito, somos «pedras vivas» (1 Pe 2, 5), chamados pelo nosso Batismo a construir o edifício de Deus na comunhão fraterna, na harmonia do Espírito, na convivência das diversidades. Como afirma Santo Agostinho: «*A Igreja é constituída por todos aqueles que mantêm a concórdia com os irmãos e que amam o próximo*» (Sermão 359, 9).

Irmãos e irmãs, gostaria que fosse este o nosso primeiro grande desejo: uma Igreja unida, sinal de unidade e comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado.

Nós queremos ser, dentro desta massa, um pequeno fermento de unidade, comunhão e fraternidade. Queremos dizer ao mundo, com humildade e alegria: Olhai para Cristo! Aproximai-vos d'Ele! Acolhei a Sua Palavra que ilumina e consola!

No único Cristo somos um. E este é o caminho a percorrer juntos – entre nós, mas também com as Igrejas cristãs irmãs, com aqueles que percorrem outros caminhos religiosos, com quem cultiva a inquietação da busca de Deus, com todas as mulheres e todos os homens de boa vontade – para construirmos um mundo novo onde reine a paz.

Este é o espírito missionário que nos deve animar, sem nos fecharmos no nosso pequeno grupo nem nos sentirmos superiores ao mundo; somos chamados a oferecer a todos o amor de Deus, para que se realize aquela unidade que não anula as diferenças, mas valoriza a história pessoal de cada um e a cultura social e religiosa de cada povo. Irmãos, irmãs, esta é a hora do amor.



Grupo de Oportunidades

Criado em 2011, o Grupo de Oportunidades foi a resposta a um desafio colocado pela Missionária Nuria Frau a um conjunto de pessoas, séniores, na sua maioria pais de jovens que integravam os Grupos de Jovens.

O propósito inicial seria rezar com a Palavra, em reuniões quinzenais, e encontrar meios de recolha de fundos, necessários ao funcionamento da estrutura da Família Missionária Verbum Dei.

O tempo de oração surgia a partir de um tempo de escuta e partilha pessoal, em comunidade, das realidades de vida de cada um, que eram refletidas com base no Evangelho.

Ao longo dos anos, entre saídas e entradas de novos membros, o grupo foi aumentando em número, e somos atualmente 24 membros.

Os conteúdos das reuniões também foram sendo alterados.

No início de cada trimestre, são definidos os temas a desenvolver, com base na Palavra de Deus e no crescimento no caminho da Fé, sendo cada reunião orientada por um grupo de 2 a 3 pessoas.

A organização de 3 eventos por ano, para angariação de fundos, continua a ser integrada no calendário das reuniões, sendo que os eventos têm lugar em domingos determinados, junto à Igreja dos Santos Reis Magos, no Campo Grande, com a permissão da Paróquia.

Teresa Abecasis e Paula Moucheira
25.05.2025



Os meus pés também rezam

Não sei muito bem como começar esta partilha, pois cada momento foi tão especial. Desde a inscrição, a preparação da mala, o começo do caminho, as partilhas, as conversas, a chegada...

Tudo começou porque quis conhecer a fonte da alegria onde a minha filha mais velha ia beber nas duas peregrinações que fez. A alegria dela era tão contagiante, que desta vez não quis eu perder essa oportunidade e acabei por me inscrever a mim e ao meu marido.

No dia da despedida, antes de iniciar a peregrinação, a minha filha abraçou-me e disse-me: “Mãe, estás tão crescida, já vais a uma peregrinação sozinha!”. Partilhei isto em vários momentos do caminho, houve bastantes risos e até mesmo quem dissesse: “Márcia, estás mesmo crescida!”.

O lema forte “Crer, Esperar, Amar” acompanhou-nos neste caminho. No primeiro dia, o som dos nossos passos trazia-nos a esperança de encontrar um caminho. Os trilhos, as poças, a lama e as subidas retratavam as dificuldades do meu dia-a-dia. Os pensamentos dispersavam-se na simplicidade e na beleza da natureza.

A pergunta que me fiz nesse dia foi: “Será tão difícil dar a paz?” Deus mostra-nos e oferece-nos uma beleza tão simples, se bem que complexa, nas flores, nos animais, na brisa, no cheiro da natureza, no cantar das árvores e no chilrear dos pássaros.

E surgiram-me mais perguntas: “Posso eu abrir as portas do meu coração a quem desta beleza precisa?”

A resposta foi que Jesus mostra-nos que sim, por isso certamente eu também posso abrir as minhas portas e ajudar o próximo.

Falaram-nos de como as estrelas podem ser o mapa da nossa vida, ou mesmo pessoas ou momentos.

A chegada à primeira paragem de final de dia, o banho e a comida, os momentos preparados com carinho pela organização, e os esforços envidados para que tudo corresse bem, valeram por milhares de abraços.

O momento com Maria é sempre muito forte. Aprendi que os meus pés também rezam, e a peregrinação começou a ter muito sentido.

As pistas que nos deram fizeram soar perguntas na minha cabeça, certezas ou incertezas.

Será que é preciso ver para crer?

Que pregos me prendem a ti, Jesus?

Acredito que todos os pregos me prendem a Jesus, pois dá-me alegria e felicidade no sorriso das minhas filhas e na companhia do meu marido.

No segundo dia de caminho, Jesus trouxe-nos a brisa fresca que tornou mais leve um caminho que era difícil. Fiz esse dia de caminhada a agradecer por Jesus me ter colocado ali e por me ter dado a conhecer pessoas com quem apenas trocava olhares e não palavras.

Aprendi que devemos mesmo escutar com os ouvidos do coração.

É importante dar importância aos pequenos gestos. E vi tantos bons gestos nesta caminhada!

O terceiro dia chegou e parecia que já tinha passado muito, muito tempo.

Começámos por dar os bons dias e ouvir o Paulo Nogueira não com os seus avisos, mas com uma magnífica pista de oração: Amar com esperança.

Ao recomeçar a caminhada, a Graça deu-nos coragem e alegria ao mostrar que nos seus primeiros passos existiu realmente Amor. Carregando o símbolo ao longo dos primeiros quilómetros com aquela sua força de vontade, não fez de todo atrasar o nosso ritmo, muito pelo contrário. Fez-me ver que é preciso força de vontade e muito amor para a vida e para os outros.

No momento com Maria, foi nos entregue uma carta para ser aberta junto da Mãe, na capelinha.

Quando chegámos à capelinha, pediram-nos para nos irmos sentando. A Graça não se queria sentar, pois não tinha a sua carta. Eu sem hesitar dei-lhe a minha carta e o meu marido partilhou a dele comigo. Senti-me realmente bem ao ver o sorriso dela e o olhar de gratidão.

Nunca participara numa procissão das velas, e a nossa foi um momento particularmente bom.

O quarto dia chegou. Jesus Cristo é a nossa esperança.

Por que me chamas, Jesus? Porquê eu?

“O Amor habita o universo” foi algo dito nas pistas de oração deste dia. E quando saí da sala para rezar, presenciei imensos gestos de amor. Companheiros de caminho a ajudar pessoas de idade a subir degraus enormes. O meu marido a dar o braço a uma senhora já de alguma idade, para a ajudar a subir uma enorme escadaria. E o que escrevi no meu caderno foi: “Amor é o gesto de ajudar e estender a mão ao próximo. Esperança é esperar que esses gestos se espalhem.”

No momento dos abraços no jardim, apercebi-me de que realmente cresci como pessoa naqueles quatro dias, e que outros se aperceberam disso também.

Por isso, agradeço do coração a experiência incrível que tivemos, eu e o meu marido. Obrigado a todo o pessoal da organização e animação pelo extraordinário trabalho.

Este foi realmente um tempo em que bebi da fonte da alegria. Quatro dias em que entreguei todo o meu tempo a Maria e a Jesus. Tempo para andar, descansar, comer e dormir. Tempo para rezar, tempo para fazer silêncio, tempo para rir e chorar, tempo para ser igreja, tempo para sentir doer os pés e conhecer músculos que não sabia que existiam. Tempo para falar e para ouvir, tempo para ajudar e ser ajudada, tempo para sentir o Espírito Santo. Tempo para pensar nas filhotas, no marido e nos outros. Foi um tempo para me encontrar. Foram quatro dias para dar a Deus uma das coisas mais preciosas: o meu tempo.

Márcia Serra



Peregrinação 2025: CRER, ESPERAR, AMAR

Esta peregrinação para mim foi o concretizar de um sonho antigo... Percorrer os caminhos para Fátima a pé.

Foi a minha primeira experiência, e que excelente experiência tive.

Começou logo por a Ana Coimbra ter conseguido um milagre: pôr-me a cantar em público.

Todas as palestras e pelas muitas pistas de oração que nos deixaram.

Os momentos de silêncio após cada palestra, bastante úteis para refletir e orar sobre o que foi dito.

De todos, aqueles que mais me tocaram foram os momentos com Maria e a palestra do Paulo sobre o Amor. Já para não falar da camaradagem e amizade ao longo destes quatro dias.

A abstração das preocupações do dia-a-dia, indo o pensamento apenas para Deus e para as palavras ditas nas partilhas e palestras, muito muito bom.

As minhas conversas com Nossa Senhora ao longo do caminho ajudaram bastante a encontrar um rumo.

No decorrer dos quatro dias tive a honra de levar a Cruz por três vezes e o que mais me tocou nessas partes do caminho, e mesmo apesar de na última vez ser uma subida bastante grande e acentuada e estar bastante vento, senti ali algo a ajudar-me no caminho, uma sensação de leveza e alívio indescritíveis.

A chegada a Fátima, uma enorme emoção. Aquele tempo de oração na Capelinha... Uma paz e um silêncio bastante bom.

parte II Peregrinação de Adultos a Fátima da Verbum Dei
Testemunho do Paulo

A cerimónia do Abraço, algo espetacular.

Finalmente compreendi o significado da frase: "Rezar com os pés..."

Muito, muito bom. Uma experiência a repetir por muitos e muitos anos.

Paulo Serra



Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa -

21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com

